



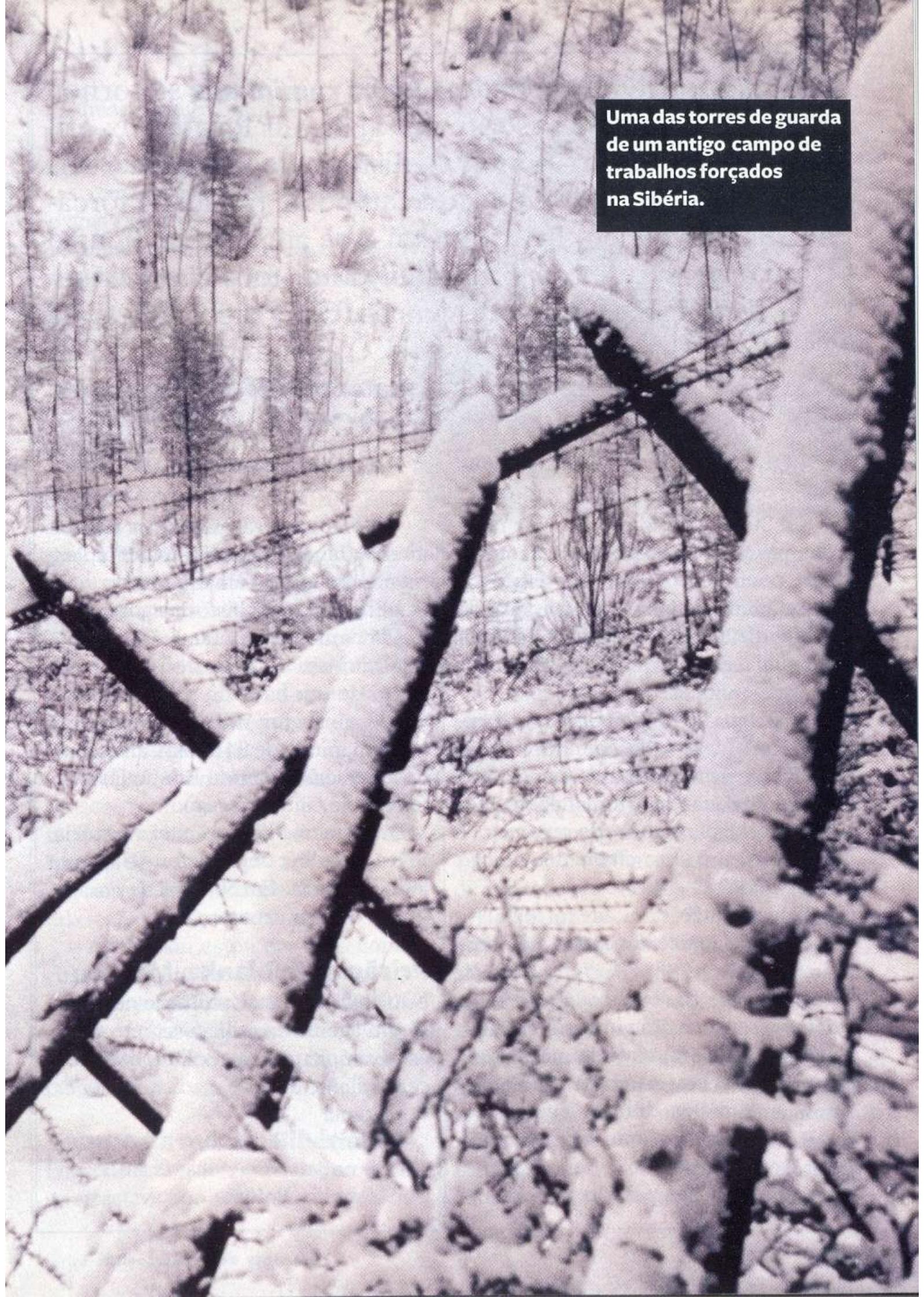
REPORTAGEM
ESPECIAL

A longa caminhada

Cinquenta anos
depois, um mistério
se resolve e um
herói é revelado

POR JOHN DYSON

**Uma das torres de guarda
de um antigo campo de
trabalhos forçados
na Sibéria.**



Em 1956, um livro chamado *A longa caminhada* se tornou campeão de vendas. Escrito por Slavomir Rawicz, ex-oficial militar polonês, contava a história de como ele e seis companheiros fugiram de um campo de trabalhos forçados na Sibéria, em 1941, e foram a pé até a Índia. Ronald Downing, repórter do jornal *Daily Mail*, foi o *ghost writer*.

A obra despertou controvérsias. Os críticos lançaram dúvidas sobre sua plausibilidade. O explorador Peter Fleming, que percorreu aquela região em 1937, declarou que o livro de Rawicz era um “delírio”. Outros, como o explorador Eric Shipton, também se mostraram desconfiados.

Em 2006, depois que Rawicz morreu, pesquisadores da BBC encontraram documentos em seus arquivos pessoais que comprovavam que, quando o livro dizia que o oficial atravessava o Himalaia, ele estava na Pérsia com o Exército polonês.

Na década de 1950, ainda garoto, também fiquei fascinado com o livro. Em 2008, eu estava num barco de pesca na Cornualha quando o comandante, Stefan Glinski, perguntou, de repente:

- Já leu um livro chamado *A longa caminhada*?

- Já, por quê?

- Porque aquele era o meu pai - sorriu Glinski.

Mais tarde, me explicou: “A história dele foi roubada. Rawicz tirou os fatos principais de um relatório que, provavelmente, achou na embaixada polonesa em Londres, durante a guerra.”

E disse que o restante fora inventado por Downing.

- Por que o seu pai não protestou?

- Ele começara uma nova vida. A guerra tinha sido duríssima. Simplesmente não queria olhar para trás.

- Ele contaria a história agora?

- Podemos perguntar.

Assim, em outubro de 2008, bati à porta de um bangalô na Cornualha. Quem abriu foi Witold Glinski, um homem miúdo de 84 anos. Calmo, modesto e sério, falando um inglês perfeito, hoje Glinski é cego.

Durante oito dias, escutei a história. Joyce, a mulher dele, sentou-se ao meu lado, cativada. Em 59 anos de casada, nunca o ouvira contar.

Prisão de Lubianka, Moscou

Não houve tribunal, acusação nem juiz, só um agente da polícia secreta numa escrivania que mal olhou o adolescente diante dele.

- Nome?

- Glinski.

- De onde?

- Glabokia, Polônia.

- Imagino que continuará a estudar na União Soviética, não?

- Quero ser médico.

- Temos muito a oferecer aos jovens - disse o agente.

Faminto e cheio de piolhos depois de passar dias num vagão de gado lotado, Witold ("Witek") Glinski, 17 anos, tinha poucas ilusões sobre o futuro.

O pai, heroico piloto durante a 1ª Guerra Mundial, ganhara uma propriedade perto da fronteira russa e tinha uma empresa de ônibus. Duas semanas depois que os alemães invadiram a Polônia, em setembro de 1939, os russos, na época aliados de Hitler, vieram pelo leste.

Com o pai lutando como reservista, Witek, o irmão, a irmã e a mãe foram, sob a mira de armas, levados em um trem. Uma vez por dia, as portas do vagão se entreabriam, para que os mortos fossem retirados.

Na terrível Prisão de Lubianka, em Moscou, Glinski era um do milhão e meio de poloneses capturados pelos russos. De compleição franzina, com um tufo de cabelo castanho e a barba rala, respondeu, com bravura:

- Agora não estou em boas condições para a vida acadêmica.

O agente carimbou um papel, entregou-lhe e disse, secamente:

- Vinte e cinco anos na Sibéria: trabalhos forçados.

Campo da morte, Sibéria

Logo, Glinski estava em outro trem, que se arrastava por uma interminável flo-



Witold Glinski como um jovem soldado.

resta. Entre os seus pertences, embrulhados num cobertor amarrado com uma corda, estavam as botas de cavalaria do pai, de couro - grandes demais, mas um tesouro inestimável.

Depois de curtos períodos em outros campos de trabalho, a migração de Witek terminou, após cinco dias num trem, perto de Irkutsk, cidade siberiana no meio da Rússia. Os guardas empurraram todos para fora. Agitando os braços no frio intenso, andaram com dificuldade até uma fila de caminhões.

Havia longas correntes esticadas atrás dos caminhões. Prenderam uma alça de corda de uns 60 centímetros no tornozelo esquerdo de Glinski e depois a engancharam na corrente. O caminhão da frente se pôs em movimento, arrastando a corrente, e ele e mais 50 pessoas que estavam atadas a ela foram sendo puxados. A fila de veículos e homens se estendia além do que a vista de Glinski podia alcançar.

Os prisioneiros eram alimentados com peixe estragado e aveia com casca, cozidos num barril que fedia a óleo diesel. À noite, eram soltos da corrente; recolhiam lenha e se abrigavam do vento em buracos na neve. Estavam chegando a Yakutsk, a mais fria região habitada da Terra, e o outono de 1940 se transformava num dos invernos mais rigorosos já registrados.

Os homens caminhavam como mortos-vivos. Glinski os via fitar o céu com os dentes cerrados, como se amaldiçoassem Deus. Muitos morreram.

Outro homem rastejava atrás dele. O coração de Glinski parou. Seria o fim de sua fuga?

Glinski passava cada minuto imaginando um jeito de fugir, mas dali a três semanas a esperança de fuga se esvaiu.

Exausto, tropeçou na neve e caiu. A corda se enrolou no seu tornozelo e rasgou-lhe a carne ao arrastá-lo. Ele berrou. Um guarda, então, mandou o caminhão parar. Os russos precisavam de trabalhadores jovens e saudáveis como Glinski, e deixaram que seguisse viagem na carroceria do caminhão.

Percorreram cerca de 1.300 quilômetros em seis semanas. De repente, a viagem terminou numa fila de cabanas de madeira, cercadas por torres de

vigia. Cães ferozes corriam livres entre as cercas de arame farpado. Bem à frente, Glinski viu um ponto fraco: uma vala natural cheia de neve, que deixava apenas um pequeno espaço sob a concertina. “É por ali que vou fugir”, jurou.

Glinski tornou-se lenhador. Nas noites claras, o seu grupo trabalhava sob a luz da aurora boreal. Um guarda morreu congelado, encostado numa árvore. Quando saía pela manhã, Glinski marcava secretamente o tronco de algumas árvores, indicando o caminho para o sul.

Certo dia, um ferreiro o tirou do grupo de trabalho e disse que Glinski o ajudaria a fazer esquis para o Exército. Na oficina, o rapaz usou lascas de ferro para fabricar, em segredo, anzóis que pendurava no forro do casaco. Fez uma machadinha, que escondia debaixo do cobertor, e uma

faca de 45 centímetros, que levava numa bainha pendurada nas costas.

Numa revista matutina, em fevereiro de 1941, o comandante saiu da sala parecendo nervoso.

– Alguém sabe consertar rádios? – perguntou.

Glinski decidiu correr o risco: talvez lhe valesse algo de comer.

– Acho que sei – respondeu.

No dia seguinte, foi convocado pela mulher do comandante. Maria Uszakof deu a Glinski chá com muito açúcar e uma fatia de pão decente, e depois lhe trouxe o rádio.

Glinski já desmontara um parecido quando era menino e conseguiu fazê-lo funcionar, mas queria prolongar o serviço para aproveitar ao máximo a companhia agradável.

- Preciso fazer uma boa limpeza e verificar as válvulas - disse.

- Ótimo, volte amanhã.

No dia seguinte, Glinski aproveitou a oportunidade para espiar o mapa da Ásia pendurado sobre uma escrivaninha. Nomes como Lhasa, Calcutá e Deserto de Gobi passaram diante dos seus olhos, e ele se esforçou para decorar os detalhes. A mulher leu seus pensamentos: "Você vai precisar de boas roupas e sapatos; não há lojas por aqui."

Glinski voltou para a cabana com um pacote de carne-seca, sapatos novos e meias tricotadas à mão. No dia seguinte, ganhou mais sapatos e roupa de baixo.

- O mau tempo está chegando - avisou Maria.

- Isso é ruim - avaliou ele.

- É mesmo! - disse ela, enfaticamente. - Mas, para alguns, é bom.

A nevasca foi tão violenta que a neve penetrava por entre as tábuas da cabana. Mas Glinski, abraçado à sua trouxa de tesouros, estava desesperado. Depois da meia-noite, se esgueirou e seguiu para a vala que avistara sob o arame farpado.

As torres de vigia estavam desertas; os guardas tomavam vodca e jogavam cartas na sala da portaria. Glinski cavou a neve e deslizou por sob a cerca, com um dos pés puxando uma corda presa à trouxa que continha seus pertences.

Então, algo o fez olhar para trás.

Outro homem se arrastava atrás dele. O coração de Glinski parou. Seria o fim?

- Quem é você?

- Não se preocupe, sou amigo.

Outros homens apareceram. O terceiro era um homem de cabelo vermelho e olhos zangados e rubros como tochas. Atrás dele, outros homens praguejavam na escuridão congelante.

Logo, curvados contra o vento, oito figuras se acocoraram em torno de Glinski. Tinham estado atentos no campo, sentindo que ele dispunha de informações privilegiadas.

Um decidiu voltar, assustado com o mau tempo. Aos outros, Glinski falou:

- Vamos caminhar 20 horas por dia.

- É um cronograma duro - disse um.

- Se não gosta, fique aí sentado e os russos vão ajudá-lo.

Os prisioneiros estavam fora do campo, mas não livres. A Índia ficava a pelo menos 6.500 quilômetros. Glinski ergueu o braço em direção ao sul e disse: "Para lá."

Com paradas rápidas para ferver neve e dividir alguns pedaços de pão, marcharam durante quatro dias. Só então ousaram se amontoar no gelo siberiano para dormir algumas horas.

Os homens pouco revelaram sobre si mesmos. O que seguiu Glinski pelo arame farpado disse se chamar Smith, engenheiro americano que trabalhara no metrô de Moscou. Era mais velho do que os outros, devia ter uns 45 anos, e todos o chamavam de Mister Smith.

Zaro, de quase 30, era o ruivo grandão, fortíssimo e solidário, mas pouco

inteligente. Falava uma língua eslava que talvez fosse croata.

Batko era um homenzarrão de 1,80 m, careca e musculoso, com uns 27 anos. Assassinara alguém na Polônia, fugira para se unir à Legião Estrangeira francesa e tinha sido preso por outro motivo quando voltara para visitar os pais.

Outros três eram soldados da infantaria polonesa: dois capitães e um sargento, que se mantinham isolados. O último fugitivo, um adolescente adoentado, não conseguiu acompanhá-los e desapareceu.

Na floresta boreal, havia pequenas clareiras em que o capim perfurava a neve. A mãe de Glinski era herbalista e ele sabia quais plantas e cogumelos eram comestíveis. Colhia brotos tenros de capim-rabo-de-gato e os desenrolava, sugando a polpa do miolo.

Dali a duas semanas, quando o suprimento de pão havia acabado, os homens encontraram um veado que caíra numa ravina. Depois do banquete, assaram o restante da carne para os abastecer na viagem. Enrolada, a pele foi arrastada atrás de Zaro, para cobrir rastros e pegadas.

Desde a partida, Glinski se esforçou para cuidar dos pés. Toda vez que paravam, desenrolava as tiras de pano que serviam de meias. Limpava e arejava os pés e enxaguava os panos, deixando-os secar no cajado que fizera com um galho de árvore. Os outros achavam que estava maluco.

Mas, quando os pés dos outros começaram a causar problemas, Glinski viu que o imitavam em segredo.

Kristina

Na escuridão, atravessaram um trecho congelado do Lago Baikal. Do outro lado, na floresta, avistaram pegadas humanas e as seguiram até uma ravina, onde se espantaram ao encontrar uma moça polonesa.

Kristina Polansk mal conseguiu acreditar quando os ouviu falar polonês. Magra, de cabelo escuro, esfarrapada, mas instruída, a moça de 18 anos lhes contou que vira os bolcheviques matarem seus pais na fazenda, enquanto ela se escondia no celeiro.

Passara dias fugindo, mas fora pega e mandada para uma fazenda coletiva, não muito longe do lago. Dias atrás, matara a punhaladas um capataz que tentara estuprá-la. Correndo às cegas pela floresta, o pé se encheu de bolhas, que infeccionaram. Com medo dos lobos que uivavam à noite, passara três dias escondida para esperar que o pé sarasse. Glinski examinou-o e ficou consternado. Sabia que era gangrena.

O que menos Glinski queria era ser atrapalhado por uma mulher doente. Tinham ido bem até ali, mas a moça seria um fardo. Então, Smith lhe deu conselhos paternais: “Ela tem de vir. É do seu povo.”

Kristina abraçou Glinski quando ele disse que iam levá-la: “Sei que vou morrer logo, mas pelo menos estarei com vocês, e será como estar em casa.”

Andar pelo mato não era difícil, mas havia algo que não poderiam evitar: a ferrovia Transiberiana.

Dois trens militares de suprimentos tinham parado num desvio próximo.

A provável rota da longa caminhada



“Haverá guardas”, disse Smith. “Precisamos ter cuidado.”

Ao anoitecer, atravessaram correndo os trilhos e entraram na floresta, mas Batko não estava com eles. Alcançaram-os uma hora depois, trazendo uma caixa de cacau em pó inglês. Sorrindo, contou que matara um sentinela.

“Temos de partir”, disse Glinski, furioso por causa do homicídio desnecessário e porque Batko não tivera o cuidado de esconder o corpo.

Durante um dia e uma noite, caminharam, só descansando quando Kristina começava a desmaiar. A cada dia, a perna da moça ficava mais negra. Com a machadinha de Glinski, cortaram galhos e fizeram uma maca. Zaro carregava a parte da frente enquanto os outros, em pares, se revezavam atrás.

A floresta foi rareando e encontraram uma fileira de postes e fios. Impresso do outro lado, havia um cartaz em russo: “Entrada proibida.”

“Eis a fronteira”, disse Smith. “Saímos da Rússia!”

Mas não houve euforia. O bando de desesperados percorreria quase dois mil quilômetros em dez semanas. Mesmo se capturados, poderiam ser mandados de volta. E ainda havia muito caminho pela frente.

Seguiram. As árvores deram lugar ao capim primaveril da Mongólia, que se estendia rumo às distantes montanhas cobertas de neve. Kristina ficou febril, os olhos ardendo. Glinski sofria ao ouvi-la tentando ser corajosa. Nisso, ela o chamou: “Estou morrendo”, disse, num sussurro, “e quanto mais cedo, melhor.”

Solenemente, os quatro poloneses se reuniram em torno da maca. Kristina agradeceu a cada um: “Fico feliz de estar entre amigos.” Fechou os olhos e morreu. Os homens abriram uma cova rasa e empilharam pedras sobre o corpo de Kristina. Em marcha, mal falaram durante dias.

Até a invasão dos russos, Glinski frequentara o colégio militar e passara os fins de semana como escoteiro. Conhecia truques de sobrevivência importantíssimos, como secar cogumelos

Glinski havia visto aquela doença nos livros de medicina da mãe: escorbuto.

e líquens para fazer fogo e se orientar pelas estrelas.

O sul era a sua salvação. À noite, ele achava o sul pelas estrelas e riscava uma seta na terra. De dia, avistava, na direção da seta, um marco distante, que se tornava a meta do dia. Diariamente precisavam procurar o que matar ou colher. Ervas do pântano, com gosto de aipo amargo. Saladas de azedinha, an-gélica e trevo. Plantas com raízes compridas, comidas cruas ou cozidas, ou transformadas em farinha, misturadas com água e assadas como chapatis.

Quando a sobrevivência não era suficiente para manter em foco os pensamentos, Glinski planejava o futuro.

Era uma imagem típica de adolescentes: roubaria um avião com a maior bomba do mundo e a jogaria no Kremlin. Não olharia para trás arrependido. O juramento de vingança o fazia prosseguir na caminhada.

Às vezes, no calor do crepúsculo, ele pegava as botas do pai. Nesses momentos, sofria com a lembrança do abraço afetuoso da mãe e do aperto de mão decidido do pai.

Carne de cobra

Ardendo ao sol de verão, aos poucos a paisagem verde se transformou em um deserto de areia, cascalho e arbustos. Depois de cinco meses, Glinski, pela lembrança do mapa, calculou que estavam no Deserto de Gobi.

O calor escaldante sugava toda a energia vital. Andavam à noite e dormiam de dia, à sombra das roupas penduradas em varas. A pouca água que levavam logo se esgotou. Durante dois dias, cambalearam sem uma gota sequer. Lamberam o próprio suor e dois deles beberam a própria urina.

No terceiro dia, encontraram um lago, mas a água parecia insalubre e perigosa. “Não vamos beber isso”, disse Glinski. “Olhem em volta: não há pássaros, não há qualquer animal por aqui.”

Então, abriu um buraco a um metro do laguinho. A água subiu aos poucos, e ele a recolheu numa lata. Depois, ferveu-a por um bom tempo e a deixou de

lado, para os sedimentos baixarem. Só então a beberam.

Contornando o deserto bem próximo da borda, seguiram pelo sopé de uma serra. Em fontes ou áreas lamacentas que encontravam, encharcavam as roupas e torciam-nas no balde. Mas não tinham o que comer, até que uma ideia de Batko lhes salvou a vida.

Por toda parte havia cobras de um metro ou mais, meio enterradas na areia. Treinado em sobrevivência no deserto pela Legião Estrangeira francesa, Batko pegou uma delas com uma vara, esfolou-a e cortou a carne, que fritou. Depois disso, comeram cobra o tempo todo, e penduravam a carne nos cajados para secá-la ao sol.

O teto do mundo

Seguindo pelas montanhas, chegaram ao planalto central do norte do Tibete. Os dois oficiais poloneses se encontravam fracos e deprimidos. Um estava enlouquecido de saudades de casa e chorava o tempo todo a família perdida.

O ritmo deles diminuiu, e precisavam descansar mais. Glinski notou-lhes as pernas: tinham inchado muito. A boca dos dois pingava sangue, e os dentes estavam soltos. Glinski havia visto aquela doença nos livros de medicina da mãe: escorbuto.

O colapso físico e mental fez os últimos estágios se precipitarem. Um deles morreu, e ainda estava sendo enterrado quando o outro também se foi.

Tempos depois, pararam para passar a noite na encosta de uma elevação que caía abruptamente na vertical.

“Volto logo”, disse animado o sargento polonês, que se afastou para urinar. Detrás da fogueira, ouviram um grito e um barulho de pedras rolando. Ele chegara perto demais da borda, que cedera sob seus pés...

O terreno foi se tornando mais difícil à medida que os quatro homens subiam pelo sopé do Himalaia. O ar ficou frio e rarefeito, e tinham de parar várias vezes. Seguiram trilhas abertas por pessoas e animais. Algumas eram tão estreitas que eles tinham de andar de lado.

Num prado alto viram cabras e encontraram um velho solitário que morava numa cabana; ele os recebeu calorosamente e chorou quando partiram no dia seguinte, carregados de presentes como queijo e carne defumada.

Em mais cinco dias, chegaram à escola de uma aldeia tibetana.

“Vamos testar a sorte”, disse Smith. Estavam nervosos; havia mais gente ali do que tinham encontrado em dez meses. Mas se aproximavam da Índia e precisavam de informações.

Um homem de 30 e poucos anos, com um longo casaco preto e calças largas enfiadas nas botas, era o professor. Falava um russo capenga.

- Vocês vieram de longe - disse.
- De Yakutsk.
- É espantoso que estejam vivos.
- Estamos cruzando as montanhas.
- Vieram ao lugar certo. Não temam, vocês são bem-vindos.

Então levou aqueles quatro homens fedorentos e esfarrapados até a casa principal, onde as mulheres logo trouxeram comida e água quente.

Depois de se lavarem, sentaram-se com os aldeões para um banquete de cordeiro cozido, acompanhado de chá-preto. Depois do jantar, o professor levou Glinski para conhecer um homem de cerca de 40 anos que servira o Exército e falava um pouco de russo. “Ele vai levá-los pelas montanhas usando a nossa rota comercial secreta”, disse o professor.

Partiram três dias depois. Glinski já estava esgotado. Mas não havia escaladas difíceis, e quase todas as trilhas eram abrigadas. Depois de duas semanas, talvez mais, pararam num ponto de vigia. O guia apontou a encosta que descia e disse a mesma palavra várias vezes: “Casa! Casa!”

Deu meia-volta e retornou pelo caminho por onde tinham vindo. Os quatro seguiram por uma trilha íngreme e empoeirada. Avistaram um veículo na estrada lá embaixo, com um grupo de homens que subia ao encontro deles: um oficial do Exército e quatro soldados armados de fuzis e facas.

“Pronto, é o nosso fim!”, desesperou-se Glinski. Mas eram um oficial do Exército britânico e quatro *gurkhas*. Smith explicou, em inglês, que tinham fugido da Sibéria e andado até a Índia.

“Subam e lhes daremos carona”, disse o oficial quando chegaram ao caminho. “Logo tiraremos vocês daqui.”

A Índia! Glinski não conseguia acreditar. No escritório de uma base do Exército, surgiu um bule de café com uma bandeja de sanduíches. Glinski nunca comera sanduíche na vida.

Era janeiro de 1942. Tinham caminhado durante 11 meses, percorrendo cerca de 6.500 quilômetros, numa média de 19 quilômetros por dia.

Na barraca que servia de lavatório, receberam sabão, tesouras e fardas do Exército novas. Já na estranha vestimenta, Glinski viu as roupas infestadas de piolhos e todas as suas posses numa fogueira. Era tarde demais para salvar as preciosas botas de cavalaria do pai.

Cornualha

Num hospital perto de Calcutá, Glinski passou semanas internado. Mais tarde, entrou para o Exército polonês em Teerã e foi mandado para o Egito e, em seguida, para a África do Sul. O navio que o levava de Durban para a Grã-Bretanha foi torpedeado, e ele passou 17 horas numa jangada. Em outubro de 1943, desembarcou em Glasgow; tornou-se sinaleiro de uma unidade de blindados e aprendeu inglês. Desembarcou na França no segundo dia da invasão e lutou até chegar à Alemanha.

Em Londres, os funcionários da embaixada polonesa interrogaram Glinski longamente sobre a fuga. Depois da guerra, ele foi contratado para trabalhar na embaixada e ajudar milhares de poloneses desalojados a encontrar outros países onde pudessem morar. Uma linda moça inglesa, que fazia um serviço semelhante no Ministério do Exterior da Grã-Bretanha, atraiu seu olhar.

Joyce e Glinski casaram-se em 1949 e hoje têm três filhos. Moravam em Worcestershire, onde Glinski dirigia retroescavadeiras. Em 1966, souberam que



Hoje, Glinski prepara cestas de palha, utilizando habilidades que o ajudaram a sobreviver numa das mais emocionantes fugas de todos os tempos.

a família dele sobrevivera à guerra e morava no norte da Polônia. O velho pai beijou a fotografia que Glinski mandou da mulher e dos filhos; mas os comunistas ainda estavam no poder, e os amigos lhe pediram que não escrevesse.

A visão de Glinski começou a falhar, como consequência da fome que passara. Ele e Joyce se mudaram para a Cornualha. Hoje, as lembranças dele são vivas nos detalhes, mas vagas em

algumas partes da viagem, principalmente nas últimas semanas, quando estava doente. E não há provas que sustentem a sua história.

“Sei o que sei, e pode acreditar no que quiser”, diz ele.

Então, quando Joyce sai para fazer um chá, Glinski ergue a barra da calça e me mostra a depressão profunda feita na canela por causa da corrente que o arrastou pela neve... ■